

À PROCURA DE GALÁPAGOS: AS HIPÓTESES DE MARX EM “FRAGMENTOS SOBRE AS MÁQUINAS”¹

Daniel Romero²

Se pudéssemos escutar os pensamentos de Marx em tempo real, o que ouviríamos? Assim como qualquer pessoa, Marx seguramente pensava em voz alta quando estava imerso em suas pesquisas. Se estivéssemos ao seu lado, o que teríamos a oportunidade de escutar deste Marx sem filtros? Quais ideias teriam surgido, mas abandonadas? Quais teriam sido apenas delineadas e guardadas para mais tarde e, finalmente, quais teriam criado raízes e se tornado, posteriormente, elementos chaves de seu pensamento?

O texto ora publicado pela Revista Trabalho Necessário é o mais próximo que podemos chegar de uma experiência como esta. Em *Fragmentos sobre as Máquinas* (ver anexo), Marx está conversando consigo mesmo, em altíssima voz, levantando uma série de hipóteses, botando-as no papel para organizar seus próprios pensamentos e avaliar até onde elas podem ir.

Aquele que se dispuser a viver esta experiência, uma bela jornada o espera, porque aqui temos o Marx dos *Grundrisse*. Como se sabe, é nos manuscritos escritos em 1857-1858 que é possível presenciar conceitos centrais da sua crítica da Economia Política sendo desenvolvidos pela primeira vez, como é o caso do mais-valor.

Antes de uma obra completa, ela seria melhor caracterizada como uma fase de experimentações, na qual o seu objetivo é testar ideias. Não devemos tomar isso como um demérito, pois é justamente em função disso que temos uma explosão de

¹Artigo recebido em 05/04/2024. Aprovado pelos editores em 10/07/2024. Publicado em 07/08/2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.63729>.

²Mestre em Sociologia pela Unicamp e doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Professor de Sociologia do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Brasil. Pesquisador no Laboratório de Humanidades Digitais (LABHD-UFBA). Email: romeromab@yahoo.com.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6908390678539380>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0411-7436>.

criatividade. Podemos considerar que os *Grundrisse* estão para Marx assim como a viagem a bordo do Beagle está para Darwin.

A Bordo do Beagle

Se os *Grundrisse* são o momento em que ideias estão sendo testadas, quais exatamente são as que estão sob escrutínio em *Fragmentos sobre as Máquinas*? Neste texto, Marx levanta a seguinte questão: *o que ocorre com o processo de produção capitalista quando a técnica e a ciência se convertem, em escala sempre crescente, em meios de produção?* Marx compreende que o processo de acumulação capitalista implica uma tendência histórica de substituição do trabalho vivo por trabalho morto. Assim, como exercício de reflexão, o que ocorre se levarmos ao limite esta tendência histórica?

A partir deste questionamento, Marx elabora duas instigantes hipóteses, cada uma delas relacionada a um “momento” do processo de produção: tanto o processo de trabalho quanto o processo de valorização se convertem em seu contrário.

No primeiro caso, Marx desenvolve a ideia de como, por meio da técnica e da ciência, o capital consegue obter um maior controle do processo de produção ao concentrar as atividades de concepção no sistema de máquinas a ponto do trabalho se converter em algo acessório:

“O processo de produção deixou de ser processo de trabalho no sentido de processo dominado pelo trabalho como unidade que o governa. Ao contrário, o trabalho aparece unicamente como órgão consciente, disperso em muitos pontos do **sistema mecânico** em forma de trabalhadores vivos individuais, subsumido ao processo total da própria **maquinaria**, ele próprio só um membro do sistema, cuja unidade não existe nos trabalhadores vivos, mas na **maquinaria**” (p. XX, grifo nosso) [p. 218 da edição em espanhol].

Não se trata apenas do fato de que o sistema de máquinas impede que se possa rastrear o trabalho imediato dos trabalhadores individuais. Para além disso, aqui se trata da expropriação do conhecimento sobre o trabalho, de seu saber-fazer, e de sua concentração no sistema de máquinas – um autômato –, delegando aos trabalhadores submetidos ao processo de mecanização atividades auxiliares, de baixa qualificação. Para controlar o processo de trabalho, a estratégia do capital consistiu na concentração do saber, uma forma de poder ditar tanto o ritmo do trabalho quanto sua forma e sua escala.

Neste sentido, o trabalho concreto, criador de valores de uso, assume uma forma cada vez mais abstrata e indistinta, de mero gasto de tempo e de energia. É neste sentido que o processo de produção deixa de ser processo de trabalho, pois o trabalho concreto se converte, na prática, em mera abstração.

Ressalto novamente que Marx não está procurando delinear casos empíricos específicos, mas tendências históricas. Conforme se amplia o processo de acumulação do capital, em que direção aponta a presença cada vez mais preponderante da aplicação da técnica e da ciência? Concentração do saber-fazer em sistemas automáticos com vistas a obter maior controle sobre o processo de produção, com sua conseqüente desqualificação do trabalho.

A segunda hipótese levantada por Marx procura analisar o mesmo cenário, mas agora sob a perspectiva do valor. Devido à busca constante pelo aumento da produtividade do trabalho resultando na substituição de trabalho vivo por trabalho morto, o trabalho e tempo de trabalho deixariam de ser fontes e medida da riqueza, respectivamente. A transformação da ciência em meio de produção implicaria a explosão dos próprios fundamentos da produção capitalista, ao tornar a exploração do trabalho alheio como algo sem sentido. Assim, acrescenta Marx, “o capital trabalha em favor de sua própria dissolução como forma dominante de produção” (p. XX). [p. 221 da edição em espanhol]

E Marx conclui seu raciocínio com a passagem mais reproduzida dos *Fragments*:

“O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deve ter força produtiva imediata e, em conseqüência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do ‘intelecto geral’ e foram reorganizadas em conformidade com ele. Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo real da vida” (p. XX). [p. 227-228 da edição em espanhol].

Assim, o conhecimento social como um todo teria, ele próprio, se tornado uma força produtiva em favor do capital e submetido o conjunto das relações sociais, da reprodução da vida em suas diversas dimensões.

Em síntese, Marx procura refletir o que significa levar *ao limite* a tendência histórica de substituição do trabalho vivo por trabalho morto. Nesta jornada, o processo de produção capitalista se converte em seu contrário: o processo de

trabalho deixaria de ser pautado pelos trabalhadores imediatos e a lei do valor deixaria de ser a base sobre a qual se organizaria a produção social. De um lado, subsunção do trabalho; de outro, superação da teoria do valor-trabalho.

É desnecessário lembrar que isto motivou intensos debates no campo do marxismo, especialmente a partir das leituras do autonomismo italiano, tendo inspirado diversas teses em torno do trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e trabalho gratuito.

Não é o espaço aqui para discutir as teses contemporâneas, mas considero importante analisar qual o tratamento que as hipóteses de investigação levantadas por Marx receberam em obras posteriores aos *Grundrisse*. Afinal, entre as ideias testadas nos *Fragmentos*, quais foram consideradas mais promissoras pelo próprio autor e quais não foram mais retomadas?

À procura de Galápagos

Em obras posteriores aos *Grundrisse*, o tema da subsunção do trabalho ao capital passa a ocupar um espaço cada vez maior e um tratamento cada vez mais denso e detalhado. Inicialmente nos *Manuscritos de 1861-63* (MARX, 1980), passando pelo manuscrito conhecido como *Capítulo VI Inédito* (2022) e, por fim, no próprio Livro I de *O Capital* (2023).

Marx destaca a diferença entre máquina e ferramenta, aprofunda a discussão sobre subsunção formal e subsunção real, desenvolve a categoria de trabalhador coletivo, além das diversas formas de mais-valor, absoluta, relativa e extra (Romero, 2005).

Se podemos dizer que uma ideia criou raízes, foi esta. Marx aportou em sua Galápagos por meio de dois esforços: de um lado, se dedicou a estudar os enfiadinhos materiais de uma série de engenheiros, industriais e cientistas sobre o sistema de máquinas nascente; mas também se valeu dos relatórios dos fiscais de fábricas e das ações do próprio movimento operário britânico, com apoio precioso de Engels.

No nosso entendimento, portanto, quando Marx analisa a substituição de trabalho vivo por trabalho morto sob o prisma do processo de trabalho, aqui há um ponto de continuidade e de aprofundamento entre os *Grundrisse* e as obras seguintes. A ideia segundo a qual o processo de trabalho se converte em seu

oposto, inicialmente uma simples hipótese testada ao limite, se torna a tese central que Marx apresenta ao analisar o longo processo de formação da Grande Indústria. Ironicamente, é como se Marx estivesse contando a história de uma luta pela emancipação, mas da tentativa de emancipação do capital frente à habilidade, destreza e qualificação do trabalhador. No entanto, este fio de continuidade não se observa quando o foco é o processo de valorização com a hipótese da superação da lei do valor. Neste âmbito, as mudanças são significativas. A começar pelo fato de que Marx não utiliza novamente o termo “intelecto geral” em obras posteriores (Marques, 2022).

Além disso, um elemento chama atenção quando comparamos a “arquitetura” dos *Grundrisse* com estes materiais: se no manuscrito de 1857-58, o “Fragmentos sobre as Máquinas” está na seção do processo de circulação, articulado à discussão do capital fixo, nas obras seguintes há uma mudança “espacial” do objeto, ficando circunscrito ao processo de produção e relacionado ao capital constante e ao aumento da composição orgânica do capital.

Esta mudança não é fortuita. Como sabemos, processo de trabalho e processo de valorização só são dissociados como recurso analítico, uma vez que processo de produção é a articulação de ambos. Ao pensar no processo de trabalho, a questão que Marx delineia diz respeito ao papel da ciência e da técnica na disputa sobre o *controle* do processo de produção, seu ritmo, escala e forma de trabalho.

Ao analisar em obras posteriores sobre as contradições do processo de valorização decorrentes da substituição de trabalho vivo por trabalho morto, a discussão ganha contornos muito diferentes daquele apresentado nesta parte dos *Grundrisse*: a hipótese da superação da lei do valor e de dissolução do capitalismo cede espaço para a análise sobre as crises do capital, com suas tendências e contratendências.

Embora Marx não tenha conseguido elaborar o Livro IV de *O Capital*, que seria dedicado ao mercado mundial e suas crises, ainda assim há claramente uma Teoria das Crises em Marx e o caminho adotado é muito distinto da ideia de superação da lei do valor (Romero, 2009).

Quão longe podemos ir com Marx dos *Grundrisse*?

Ainda há muito a se extrair dos *Grundrisse*. Um pequeno exercício pode nos ajudar a ter a dimensão disso: peço que releiam a primeira citação em destaque desta apresentação, mas no lugar de *maquinaria* substituam por *plataformas* e ao invés de *sistema mecânico*, substituam por *sistema digital*. Com estas simples alterações, um pesquisador contemporâneo poderia se valer destas observações para lançar luz sobre as plataformas de micro-trabalho, aquelas responsáveis por organizar os bancos de dados que alimentam as Inteligências Artificiais.

O maior *hype* do capitalismo atual está baseado em processo de trabalho que não é processo de trabalho, tanto no sentido indicado por Marx já nos *Grundrisse*, mas também no fato de não se apresentar enquanto tal. Um livro com esta vivacidade, passados mais de 150 anos, só demonstra o quanto Marx é um autor essencial para compreender o capitalismo contemporâneo.

Convite

São cerca de 10 horas da noite e Marx vai começar seu terceiro turno de trabalho. De posse de seus fichamentos feitos ao longo do dia na Biblioteca do Museu de Londres, Marx se senta em frente a sua modesta escrivaninha para dar início ao seu mais ambicioso projeto. O convite é simples: acomode-se ao seu lado como todos nós e vamos ouvi-lo conversando consigo mesmo.

Referências

MARQUES, R. M. Intelecto Geral: origem e superação de um equívoco de Karl Marx. *Trabalho & Educação*, 31(1), 47–67. 2022.

MARX, K. **Capital y tecnología**: Manuscritos de 1861-1863. México, Terra Nova. 1980.

MARX, K. **Capítulo VI** (inédito): manuscritos de 1863-1867. São Paulo, Boitempo. 2022.

MARX, K. **O Capital [Livro 1]**: Crítica da Economia Política: o Processo de Produção do Capital. São Paulo, Boitempo, 3ª. Edição. 2023.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. SP, Boitempo. RJ, Ed. UFRJ. 2011.

ROMERO, D. **Marx e a técnica**: estudos dos manuscritos de 1861-1863. São Paulo, Expressão Popular. 2005.

ROMERO, D (org.). **Marx sobre as Crise Econômicas no Capitalismo –** Introdução. São Paulo, Editora Sundermann. 2009.